

# USOS LINGÜÍSTICOS CONTEMPORÂNEOS: NOVOS LEXEMAS? RESULTADOS DE UM INQUÉRITO<sup>1</sup>

## CONTEMPORARY LINGUISTIC USES: NEW LEXEMES? RESULTS OF AN INQUIRY

Helena Rebelo

Universidade da Madeira

Universidade de Aveiro

[helenreb@uma.pt](mailto:helenreb@uma.pt)

### RESUMO:

O futuro da Língua Portuguesa delinea-se no presente, sobretudo na escola. Na sequência de conferências em estabelecimentos de ensino para abordar o assunto, foi realizado um estudo sobre usos orais-escritos da língua. Aplicou-se um breve inquérito a alunos portugueses de 3.º Ciclo do Ensino Básico e esta ferramenta foi, igualmente, distribuída a estudantes universitários de 1.º Ciclo. Interessa observar as respostas obtidas para compreender que usos linguísticos predominam. Numa relação entre Gramática e Linguística, importa analisar os conhecimentos revelados por jovens usuários de uma língua com mais de 800 anos, que se vai moldando aos gostos dos falantes.

### PALAVRAS-CHAVE:

Língua Portuguesa. Usos Linguísticos. Registos Oral e Escrito. Ensino. Inquérito.

### ABSTRACT:

The future of the Portuguese language is delineated in the present, especially at school. Following a series of lectures at educational establishments about the issue, a study on oral-written language usage was carried out. A brief survey was applied to Portuguese students of the 3rd Cycle of Basic Education and this tool was also distributed to 1st Cycle university students. It is interesting to observe the answers obtained to understand what linguistic uses predominate. In a relationship between Grammar and Linguistics, it is important to analyse the knowledge revealed by young users of a language that is more than 800 years old, which is shaping the tastes of the speakers.

---

<sup>1</sup> No geral, o presente artigo resulta de uma comunicação apresentada na Universidade de Alcalá de Henares, no XII Congresso Internacional de Linguística Geral (CILG2016). O Journal of Literature and Art Studies (USA), a cujos editores se agradece o contacto e o interesse evidenciado, manifestou vontade em publicar o texto, mas, por questões de tradução, opta-se por manter a Língua Portuguesa como meio de transmissão da informação.

KEYWORDS:

Portuguese language. Linguistic Uses. Oral and Written Usages. Teaching. Inquiry.

## **Introdução**

Conforme o *Cours de Linguistique générale* (1985), publicado em 1916, cujo centenário se celebrou em 2016, um ponto de vista de Ferdinand de Saussure (1857-1913) implicará uma oposição entre Gramática e Linguística. Esboçada a história da Linguística em “Coup d’œil sur l’histoire de la linguistique”, numa síntese: « La science qui s’est constituée autour des faits de langue a passée par trois phases successives avant de reconnaître quel est son véritable et unique objet. » (SAUSSURE, 1985, p. 13). Assim, o período da Gramática, o primeiro, vem seguido do da Filologia e, por fim, do da Linguística. Relativamente à Gramática, a opinião é a de uma tendência normativa, desinteressada da observação dos fenómenos, como o realça a presente citação:

On a commencé par faire ce qu’on appelait de la « grammaire ». Cette étude (...) est fondée sur la logique et dépourvue de toute vue scientifique et désintéressée sur la langue elle-même ; elle vise uniquement à donner des règles pour distinguer les formes correctes des formes incorrectes ; c’est une discipline normative, fort éloignée de la pure observation et dont le point de vue est forcément étroit. (SAUSSURE, 1985, p. 13)

Quanto à Linguística, no Capítulo II, “Matière et tache de la linguistique; ses rapports avec les sciences connexes”, está escrito que:

La matière de la linguistique est constituée d’abord par toutes les manifestations du langage humain, qu’il s’agisse des peuples sauvages ou des nations civilisées, des époques archaïques, classiques ou de décadence, en tenant compte, dans chaque période, non seulement du langage concret et du « beau langage », mais de toutes les formes d’expression. (SAUSSURE, 1985, p. 13)

Em suma, não parecem ter nada em comum, embora a Gramática, dita normativa, esteja na origem histórica da Linguística, que se deve interessar por “todas as formas de expressão”. No entanto, observa-se que ambas se interessam pelos usos lingüísticos. Enquanto a arte de falar e escrever bem importa à Gramática, centrada no domínio da norma, porque considera haver usos certos e outros errados, para a Linguística, o estudo científico da linguagem verbal, nenhum uso será errado porque foi validado pela fala. Merece, por isso, estudo e

investigação. Os enunciados produzidos deixam, então, de ser considerados certos ou errados. Portanto, se todos os enunciados são válidos porque o importante é o que o falante produz, a Linguística defende que os usos linguísticos devem ser valorizados. Deste modo, apenas defende existirem desvios linguísticos, não havendo erros, embora alterem o padrão que homogeneiza a comunidade.

No entanto, quem ensina a língua materna sabe bem que há desvios linguísticos e há erros porque, muitas vezes, não são coincidentes. Os desvios desrespeitam a norma, propositadamente, conhecendo-a (ex.: Literatura, publicidade, etc.). Os erros revelam desconhecimento da variedade normativa (ex.: produções da fase de aprendizagem primária, meios de comunicação social, etc.). Nas universidades, os linguistas – docentes, gramáticos e investigadores – têm registado a dificuldade dos estudantes em compreender explicações linguísticas e em desenvolver reflexões porque desconhecem a gramática da própria língua materna e das línguas estrangeiras que, supostamente, dominam a nível comunicacional. Além disso, os jovens aprendizes desinteressam-se pelo fenómeno linguístico porque predomina a ideia: importante é comunicar, independentemente do modo como se faz. Pensa-se que esta sobrevalorização da Comunicação se deve a algumas correntes linguísticas que tendem, teoricamente, a valorizar as variedades, dedicando-se aos usos como desvios, excluindo a existência de erros linguísticos. Contudo, na prática, sobretudo educativa, a noção de “erro” persiste. Crê-se, portanto, que é imprescindível conhecer as orientações gramaticais de uma língua e resolver este conflito, aparente, entre Gramática e Linguística, já que esta não sobrevive sem aquela. Logo, importa olhar para a relação Gramática-Linguística sem preconceitos, nem ter uma visão negativa do erro linguístico, um uso que merece estudo e reflexão linguística, uma vez que alguns deles vão dando origem a usos padronizados.

Nesta linha de investigação, colocam-se algumas questões. Como tratam, maioritariamente, os falantes, as unidades linguísticas herdadas? Conhecem-nas? Alteram-nas? Deixam-nas cair em desuso e concebem outras? Estas criações poderão considerar-se “novos” (= recentes) lexemas? Até que ponto é viável falar em “novidade” (por criação), quando é difícil datar fenómenos linguísticos, inclusive usos contemporâneos? Serão “novas” (= recorrentes) possibilidades linguísticas tidas como erros ou desvios? Serão, somente, “reformulações” de elementos já existentes que assumem “novos” (= outros) contornos que os falantes lhes vão dando, em substituição dos anteriores (“novidade” por “substituição”)? Pode a preferência pelo uso vir a ser dicionarizada? São estas algumas das interrogações que motivam este estudo empreendido no decorrer

dos últimos anos<sup>2</sup>. A fim de procurar respostas, escolheram-se, aleatoriamente, entre muitos existentes, 20 usos linguísticos, orais-escritos, considerados genericamente frequentes no Português Contemporâneo, neste início do século XXI, para matéria de um inquérito aplicado a jovens em fase de escolarização, mas em vias de consolidação linguística: uns de 3.º Ciclo e outros de Ensino Superior. Pretende-se com este trabalho observar, analisando e sintetizando, as respostas para compreender que usos linguísticos predominam em duas centenas de inquéritos recolhidas. Segue-se no caminho da Linguística preconizado por Saussure, sem, porém, pôr de parte a Gramática porque ambas se interligam.

## **1. Usos linguísticos contemporâneos: raros e generalizados**

Distinguem-se dois tipos de usos linguísticos: os pouco frequentes, sendo raros, e os recorrentes, muito generalizados. Em primeiro, consideram-se os que são fortuitos porque ocasionais, uma vez que ainda não estão realmente disseminados na comunidade. Sendo individuais, não têm consistência porque não estão (ou parecem não estar) muito divulgados. Sirvam, para exemplo, dois casos: a frase ouvida na esplanada de um café a uma senhora, numa conversa telefónica: “A gente come-se cedo.” e a publicidade escrita de uma imobiliária: “ESTEJA DESCANSADO, NÓS CUIDAMOS DO SEU IMÓVEL.” Na frase dita ao telemóvel e perfeitamente audível, compreende-se a (con) fusão entre a construção impessoal “come-se” e a sua suposta incompatibilidade com o sujeito expresso em “A gente”. O uso do verbo “comer” (“comer-se”) ultrapassa a impossibilidade gramatical, originando uma construção em tudo semelhante a uma pronominalização reflexiva: “A gente” (sujeito) e “se” (pronome reflexivo) como na frase “A gente lava-se com água fria.”. Todavia, em Português, contrariamente a “lavar”, “comer” não aceita a reflexividade porque introduz a noção de “canibalismo”, que não é culturalmente aceite. As relações entre Língua e Cultura são sempre muito interessantes. Todavia, permite a impessoalidade, com o pronome impessoal “se” e sem outro sujeito expresso. A combinação de “A gente” e “se” é singular, mas será uma “nova” construção, incluindo com “comer”? Terá cariz popular, sobretudo oral? Será o elemento “se” expletivo, como o parece ser em “rir-se”? Pode, então, “comer-se” ser um novo lexema? Não o parece ser porque existe “comer”. Considerar-se-á um erro ou será apenas um desvio linguístico, devido a razões de variedade diatópica ou diastrática? Será um desvio como no segundo caso, em que DESCANSE, NÓS CUIDAMOS

---

<sup>2</sup> Cf., por exemplo, REBELO (2014 e 2015).

DO SEU IMÓVEL.” se apresenta como uma alternativa válida, mas tal não foi a escolha de quem concebeu e de quem autorizou aquele “slogan” publicitário. A campanha privilegia o homem em detrimento da mulher e talvez haja aqui uma razão cultural, sendo ainda o homem o agente económico predominante. Haverá alguma explicação linguística para esse problema comunicacional? Dever-se-á, provavelmente, a do masculino ser o género linguístico não marcado, válido para qualquer destinatário, o que pode ser considerado frequente, mas não quando há outras possibilidades. Estes dois usos (“comer-se” combinado com “a gente” e “descansado”, masculino para um destinatário que também pode ser feminino, podendo usar-se “descanse”) são, contudo, pontuais e não se assemelham aos que se registam recorrentemente em diversos enunciados de falantes de muitas idades, estratos sociais e formações profissionais.

Assim, em segundo lugar, consideram-se os usos linguísticos frequentes. Sendo também individuais e ocasionais, devido a múltiplos motivos, já ganharam consistência e propagaram-se no seio da comunidade de falantes, ocorrendo quer em registos orais, quer em escritos (cf. Listagem *infra*). Mesmo se os usos ainda não propagados têm interesse, são os generalizados que importa, aqui, observar e estudar porque atingem (positiva e negativamente, não importa, de momento, esta avaliação) o nosso Património Linguístico (PL). Aliás, preservar o Património Material (PM ou PCM: Património Cultural Material) parece ser mais fácil do que o Imaterial (PI ou PCI: Património Cultural Imaterial), particularmente o Património Linguístico, que faz parte integrante deste, não sendo, apenas, um simples “vector” dele (cf. UNESCO, 2003). São vários os organismos que, para o PCM, cuidam, conservam, restaurando, se necessário, peças consideradas ímpares ou fundamentais para a comunidade. Nos museus, por exemplo, são expostas como bens que contam a história do povo, do grupo ou do indivíduo a que pertencem ou pertenceram. Não se vislumbra ocorrer o mesmo com os “bens linguísticos”<sup>3</sup>, incluindo lexemas, que são, porventura, os mais visíveis. Embora o léxico conste de dicionários, vocabulários, glossários, gramáticas, prontuários, enciclopédias, entre outras ferramentas de compilação, explicação e preservação linguística, continuam a ser do domínio dos usuários e estes, enquanto falantes, vão, pessoal e conjuntamente, decidindo do futuro

---

<sup>3</sup> O caso do Museu da Língua de São Paulo é um dos poucos a ter em conta. Seria interessante a UNESCO criar o Museu das Línguas do Mundo, que se saiba não existe e é comum ouvir dizer que há línguas que se extinguem continuamente, com a morte dos últimos falantes. Veja-se, por exemplo, o documentário “Idiomas do Mundo”, com a participação de David Crystal e disponível no YouTube em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ypx3a56YfdM>, última consulta a 18-04-2016.

linguístico da sua língua materna. Em consequência, o porvir de qualquer língua, nomeadamente da portuguesa, está a ser delineado no presente e interessa compreender até que ponto o PL é conservado, preservado ou delapidado.

## **2. Resultados de um inquérito**

Em crónicas para publicações periódicas, radicadas, sobretudo, na observação da imprensa portuguesa, procurou-se ter uma ideia geral da situação de alguns usos da Língua Portuguesa. Este trabalho de reflexão, baseado na leitura analítica quotidiana de diversos jornais e revistas, foi intensificado com a presença em estabelecimentos de ensino, essencialmente em escolas do 2.º e 3.º Ciclos, assim como do Secundário, para conferências em que se abordaram questões de Português. A observação alargou-se ao “laboratório ao ar livre” que constitui a vivência social diária. Para ter uma visão sobre algum do PL português (cf. Listagem dos elementos inquiridos), decidiu-se recorrer a um instrumento analítico redutor, o inquérito-questionário, a fim de ter uma noção alargada de algumas tendências. A aplicação deste inquérito foi uma fase necessária para entender o fenómeno e a relação entre Gramática-Linguística. Quantificar dados fornece uma ideia mais concreta de uma determinada situação, nomeadamente no âmbito linguístico. Evidentemente que os resultados obtidos devem ser lidos em função do inquérito concebido e da população da amostra, mas não deixa de ser uma ferramenta útil para compreender a amplitude dos usos testados e, comprovadamente, como se verá, generalizados.

A população-alvo é estudantil, de níveis de aprendizagem distintos, essencialmente de dois: 3.º Ciclo e Ensino Superior (das Humanidades e da Educação Básica). É, neste estudo, constituída por 200 estudantes portugueses, com mais raparigas do que rapazes (cf. Gráfico 1) que aceitaram responder ao inquérito, apesar de haver quem não tenha dado resposta a algumas questões<sup>4</sup>. Em termos de idades (cf. Gráfico 2), indo dos 12 aos 49 anos, o gráfico 2 aponta os 20 anos como ponto fulcral, sendo a faixa etária em que a consolidação linguística está estabilizada. Pesem embora algumas hesitações<sup>5</sup>, as estruturas gramaticais, o funcionamento da língua e os conhecimentos metalinguísticos deveriam estar

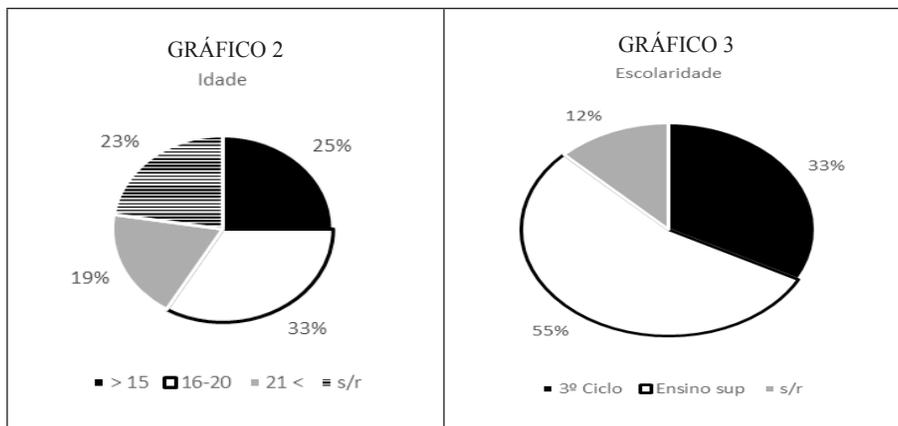
---

<sup>4</sup> Agradece-se a todos os que, voluntariamente, responderam ao inquérito e aos docentes que o distribuíram, reconhecendo a importância de uma ferramenta semelhante para estudar a língua materna em uso. Destacam-se, especialmente, Paula Fernandes e Neli Santos.

<sup>5</sup> Comprovam-nas os resultados dos gráficos associados a, por exemplo, crónicas das revistas *JA* e *ET AL* da Associação Académica da Universidade da Madeira (AAUMA), na rubrica EM PORTUGUÊS ESCORREITO.

solidificados, nessa faixa etária. Deste modo, um elemento preponderante no inquérito é a escolaridade. Os dados deste parâmetro constam do gráfico 3. Os inquiridos foram contactados em estabelecimentos de ensino português. O processo de recolha decorreu através de docentes de língua materna (e as respostas colhidas são essencialmente representativas do 3.º Ciclo, em que os jovens têm uma noção clara do funcionamento da língua materna), e do Ensino Superior, nível máximo de escolaridade, em que os usos deveriam estar fixados. Num estudo posterior, confrontar-se-ão, pelo cotejo, as respostas de uns e outros. Por agora, e para evitar alongar excessivamente o presente artigo, trata-se a amostra na sua globalidade.

<p>LISTAGEM: Elementos Inquiridos</p> <p>ORTOGRAFIA: “com certeza”/ “concerteza”, “a perda”/ “a perca”, “história”/ “estória”, “quotidiano”/ “cotidiano”,</p> <p>GÉNERO: “ela-obrigada”/ “ela-obrigado”, “a presidente”/ “a presidenta”, “a dengue”/ “o dengue”, “bastante (comida)”/ “bastanta (comida)”, “muito grande”/ “muita grande”,</p> <p>NÚMERO: “21 anos”/ “21 ano”, “quaisquer”/ “quaisqueres”, “Pronto!”/ “Prontos”, “os verdes-rubros”/ “os verde-rubros”, “os sociais-democratas”/ “os social-democratas”, “os pais-natais”/ “os pais-natal”,</p> <p>FORMAS VERBAIS: “a mim, parece-me”/ “eu parece-me”, “tinha entregado”/ “tinha entregue”, “havia alunos”/ “havam alunos”,</p> <p>PREPOSIÇÕES: “copo de água”/ “copo com água”, “muitas vezes”/ “muitas das vezes”</p>	<p>GRÁFICO 1</p> <p>Sexo</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Sexo</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>M (Masculino)</td> <td>27%</td> </tr> <tr> <td>F (Feminino)</td> <td>17%</td> </tr> <tr> <td>s/r (sem resposta)</td> <td>56%</td> </tr> </tbody> </table> <p>■ M ■ F ■ s/r</p>	Sexo	Porcentagem	M (Masculino)	27%	F (Feminino)	17%	s/r (sem resposta)	56%
Sexo	Porcentagem								
M (Masculino)	27%								
F (Feminino)	17%								
s/r (sem resposta)	56%								



Os dados a testar no inquérito apresentaram-se com alíneas numeradas de 1 a 20 (cf. apêndice), facultando, em duas colunas, frases idênticas, divergindo apenas no elemento (oral-escrito) a observar. Deveria ser excluída, com uma cruz, a que não era usada. Os tópicos inquiridos (cf. Listagem e Apêndice) resultam, como explicitado, de uma escolha aleatória de entre vários que foram alvo de diversas crónicas linguísticas<sup>6</sup> e abordam questões de ortografia, género (sobretudo feminino), número (essencialmente plural), formas verbais e preposições. Os resultados obtidos são quantificados em gráficos de percentagens comentados (cf. Gráficos *infra*). Para referências linguísticas, consultaram-se dicionários brasileiros de língua portuguesa (*Houaiss e Aurélio*) e portugueses (*Machado, Porto Editora e Academia*)<sup>7</sup>.

Provavelmente, quando se pensa em erros ou problemas de língua, essencialmente na escrita, a ideia que se tem é que são principalmente do âmbito da transgressão ortográfica<sup>8</sup>. Começa-se por eles. Como se sabe, e os dicionários confirmam-no, para “com certeza” (cf. Gráfico 4), a norma não permite outra

<sup>6</sup> Trata-se, nomeadamente, das intituladas OS PORQUÊS DO PORTUGUÊS (cf. *Tribuna da Madeira*).

<sup>7</sup> São edições sem o Acordo Ortográfico de 1990, já que todo o material é anterior à sua aplicação.

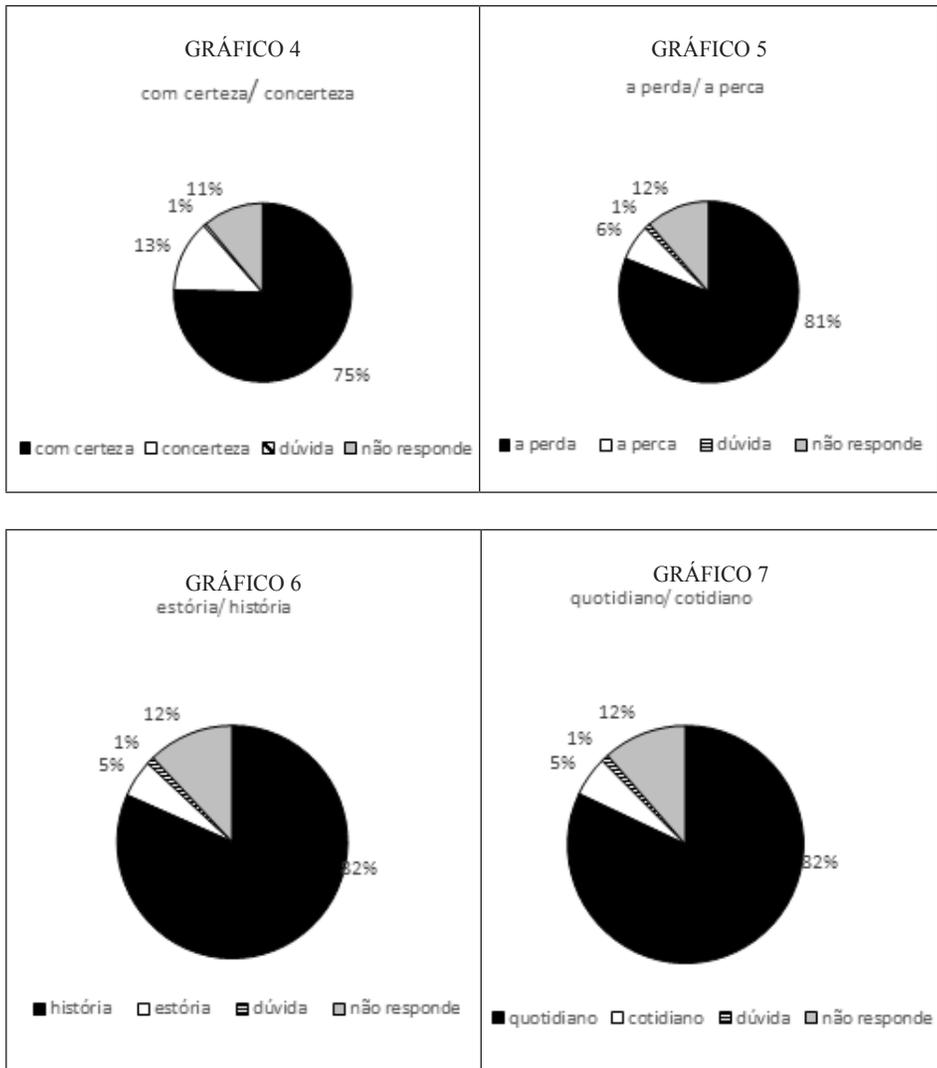
<sup>8</sup> Contemplam-se alguns casos para compreender até que ponto os usos dos jovens seguem ou não a norma ortográfica. Embora as questões de ortografia estejam na ordem do dia com a implementação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, não é, contudo, a temática deste trabalho. Interessa, em particular, observar a influência do registo oral no escrito. Por exemplo, é frequente ver escrito “cujo o/ cuja a/ cujos os/ cujas as” com a duplicação dos artigos. Tem-se verificado que, no registo oral, os falantes realizam esta duplicação e que, por isso, a grafam, sem ter a noção que o relativo integra o artigo. São detalhes como este que suscitam a presente investigação linguística, entre outras.

grafia, já que as componentes da expressão admitem outros de permeio “com toda a certeza”, sendo, então, “concereteza”<sup>9</sup>, indubitavelmente, um erro recorrente na escrita de jovens estudantes e alguns adultos, profissionais de diversas áreas. Pensava-se que a sua frequência seria maior do que os 13% obtidos neste inquérito. Apesar de ser um resultado considerável, não se pode dizer que tenha real relevo na amostra. Todavia, este cenário poderia ser diferente, se se variasse a população-alvo. Nesse caso, a questão de poder ser um “novo” lexema talvez se colocasse. Por exemplo, se tivesse vigor e fosse dicionarizado (o que não é o caso, mas foi-o para “*supra* citado”: “supracitado”, que, no entanto, admite a inversão de posição “citado *supra*”) ocuparia uma posição alfabética diferente da de “certeza”, com a expressão “com certeza”. Relativamente ao gráfico 5, para “a perda”<sup>10</sup> (substantivo relacionado com o verbo “perder”) e “a perca” (substantivo a indicar um peixe), não sucede o mesmo que em “com certeza” porque os dois vocábulos – “a perda”/ “a perca” – são válidos, não sendo, porém, equivalentes. A forma “perca” ocorre na conjugação do verbo “perder” (no presente do conjuntivo: “que eu perca” e “que ela perca”) e este dado poderá explicar o uso indevido de “a perca” em vez de “a perda”, embora o resultado do inquérito revele a sua insignificância, visto ter obtido apenas 6% das respostas. No entanto, alguns dicionários já registam o fenómeno (cf. *Houaiss* e *Porto Editora*). Quanto a “história”/ “estória” (cf. Gráfico 6) e a “quotidiano”/ “cotidiano” (cf. Gráfico 7), as duas unidades testadas, para ambos os pares, são válidas ortograficamente. Os elementos “estória” e “história”, que se podem considerar sinónimos, entendem-se como duas unidades linguísticas hoje distintas porque “estória” foi ganhando um sentido técnico (narrativa de ficção) que “história” parece perder. No entanto, etimologicamente, podem considerar-se equivalentes. Enquanto “estória” tem entrada nos dicionários brasileiros *Houaiss* e *Aurélio* (mesmo se este não recomenda o seu uso, preferindo-lhe “história”), nenhuma edição dos dicionários portugueses consultada (*Porto Editora*, *Machado* e *Academia*) o atesta. Para “quotidiano” e “cotidiano”, a única diferença é o início de palavra que o Português Europeu grafã com “qu” e o Português do Brasil com “c”, não havendo mais nenhuma distinção. Esta questão ortográfica surge no Português Europeu em palavras como “cota” e “quota” ou “cociente” e “quociente”. Para os dados dos gráficos

<sup>9</sup> Foi testada a grafia “comcereteza” no BOM PORTUGUÊS da RTP1, no noticiário matinal BOM DIA PORTUGAL, que questiona a população sobre a língua portuguesa, nas ruas de Lisboa.

<sup>10</sup> Colocou-se o artigo definido para marcar o uso enquanto substantivo.

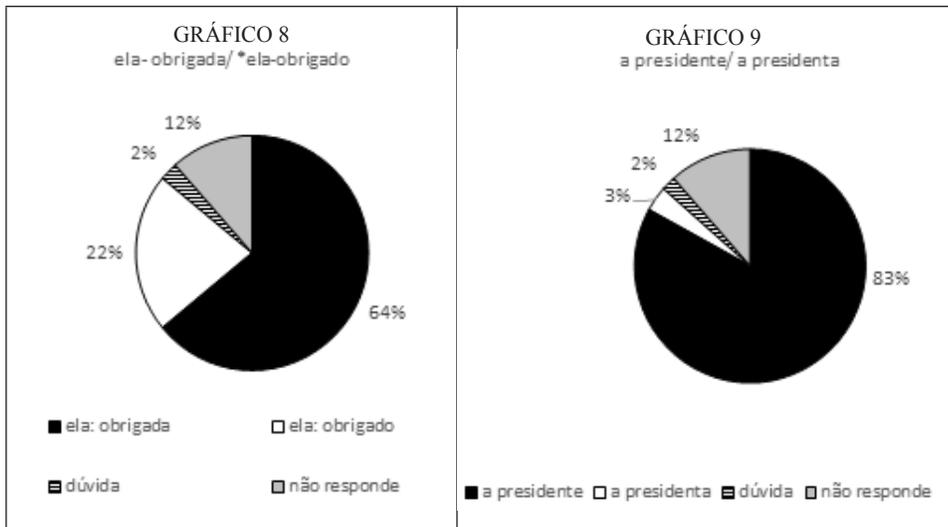
6 e 7, os resultados são coincidentes. A preferência da maioria dos inquiridos (82%) é por “história” e “quotidiano”, registrando “estória” e “cotidiano” 5%.

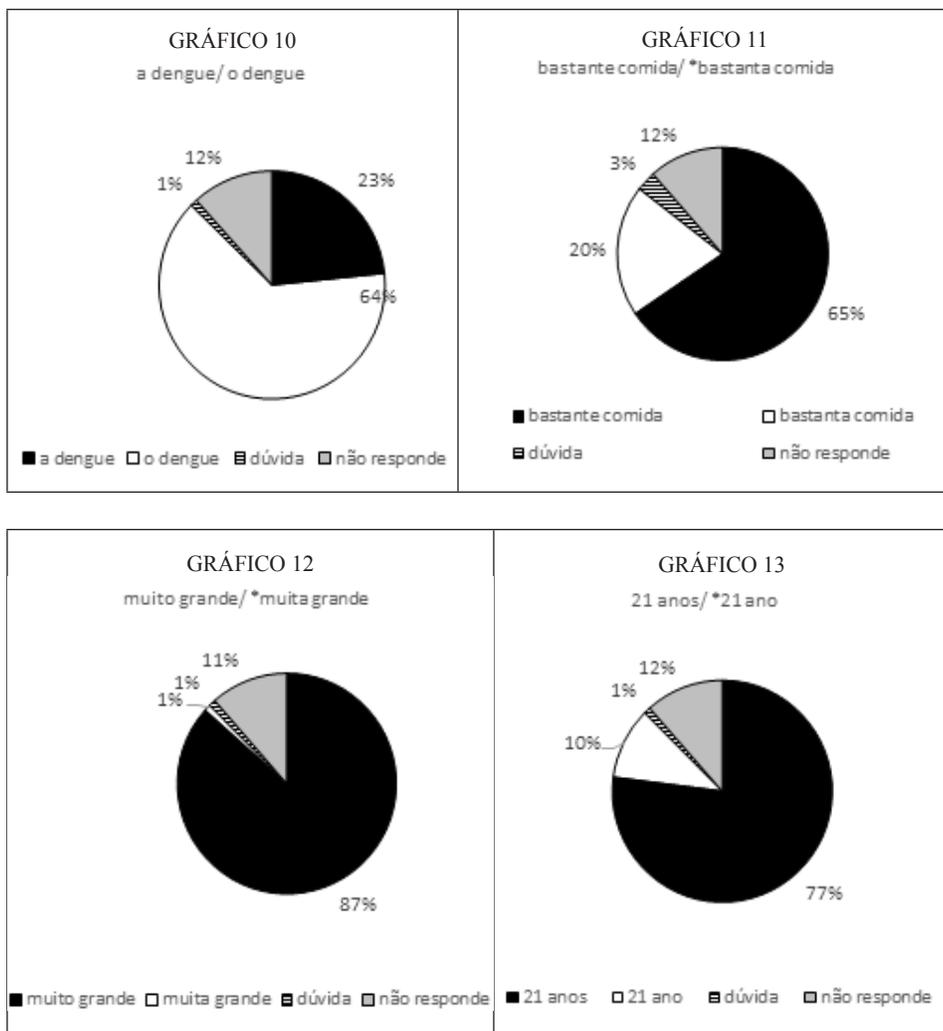


Se a maneira de escrever os lexemas pode suscitar dúvidas, as questões de gênero também as levantam. Importa, então, compreender até que ponto os jovens usuários da língua preferem o masculino em elementos que são femininos (cf. Publicidade da imobiliária *supra*). Tem-se observado um fenômeno

intrigante a nível dos agradecimentos, no atendimento comercial e institucional, em que, a um “obrigado”, surge, em resposta, outro “obrigado”, parecendo esquecer-se a fórmula “De nada!” (considerada por alguns como castelhana) ou “Não tem de quê!”. Mais recorrente parece ser a questão da redução ao masculino singular do particípio passado de “obrigar” que não tende a seguir a variação da de “agradecer”. Quantas vezes, quem agradece não sabe se deve dizer “obrigado” ou “obrigada”, nem se isso depende do destinatário ou do próprio sujeito? As convicções linguísticas variam, havendo alguns que optam por uma formulação e outros por outra. Assim, para “ela: obrigada”/“ela: obrigado” (cf. Gráfico 8), os 22% que escolhem “ela-obrigado” são significativos. A redução a “obrigado” (cf. os dicionários referidos), independentemente do sexo de quem fala, poderá consubstanciar-se nas próximas décadas. Este fenómeno de simplificação é contrário ao que ocorre com “presidenta”, que tem, sobretudo no Brasil, tido alguma pujança, enquanto uma mulher (Dilma Rousseff) representou o país. A opção pela marca do feminino “-a”, no final, a substituir o “-e” é desnecessária, uma vez que não ocorre o “-o” a indicar o masculino (\*presidente). Porém, esta situação não é única e acontece, também, no Português Europeu com “parente” e “estudante”. É como se se opusesse o masculino “-e” ao feminino “-a”, o que normativamente não sucede porque, sendo uniforme, a diferença de género se manifesta contextualmente, em particular através dos artigos definidos. No inquérito realizado, “a presidente” (cf. Gráfico 9) obtém 83% e é um uso predominante, sendo irrelevantes os 3% do uso grafado com “-a”. Embora os dados sejam proporcionalmente inversos, acontece uma situação quase idêntica com “a dengue”/ “o dengue”, já que também termina em “-e”, apesar de aqui não ser a terminação final a suscitar a vontade do falante para indicar o género. O masculino “o dengue” e o feminino “a dengue” existem como entradas de dicionário, tendo significações completamente diversas. A designação do domínio da Medicina (cf. Apêndice) é o feminino “a dengue”, mas muitas pessoas, incluindo médicos, enfermeiros e outros técnicos de saúde, optam pelo masculino, expresso pelo artigo. Aliás, esta opção pelo masculino em detrimento do feminino, é recorrente num caso como “aluvião”, que, todavia, é um termo exclusivamente feminino. Os resultados do inquérito (cf. Gráfico 10) são esclarecedores e os 64% obtidos para o masculino não deixam margem para dúvidas, confirmando a impressão que se tinha. Terá este uso registo dicionarístico no futuro? Poderá ser um dos novos sentidos de “o dengue”? As respostas dependerão dos dicionaristas, mas também da força dos usos que as populações lhes forem dando. Continuando com questões de género linguístico, dando relevo ao feminino, os gráficos 11

– para “bastante (comida)”/ “bastanta (comida)” – e 12 – com “muito grande”/ “muita grande” – parecem testar o mesmo fenómeno por envolverem elementos gramaticais, como o revelam os contextos. Porém, os resultados evidenciam que é mais frequente o feminino para “bastante” (cf. Gráfico 11: 20%) do que o de “muito” (cf. Gráfico 12: 1%), embora este último elemento, um advérbio, se pudesse confundir com o indefinido que admite feminino, como em “muita gente”. A observação frequente na linguagem oral, particularmente da camada juvenil, não coincide com o fraco resultado do 1% do gráfico 12. Acreditava-se num resultado com maior amplitude, já que se encontra escrito em vários textos, incluindo os redigidos por estudantes universitários, mas não se comprovou. Este fenómeno merecerá uma atenção especial no futuro para acompanhar a sua evolução.



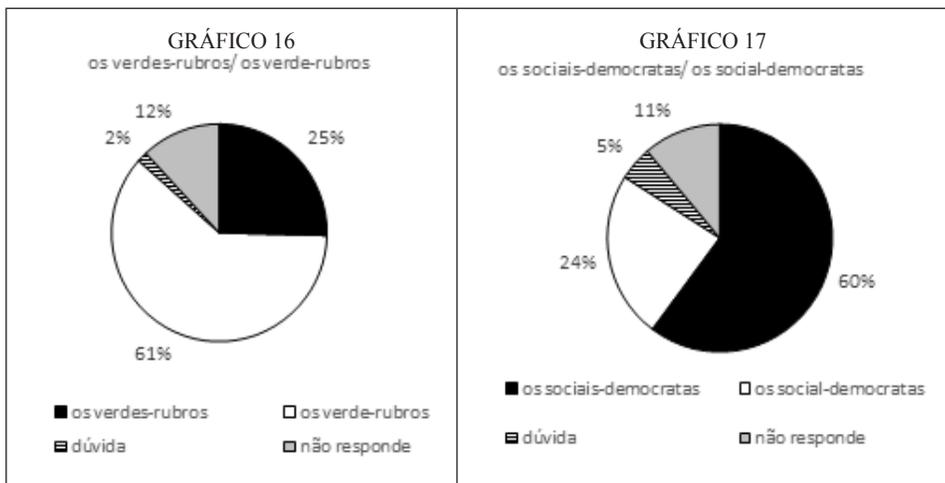
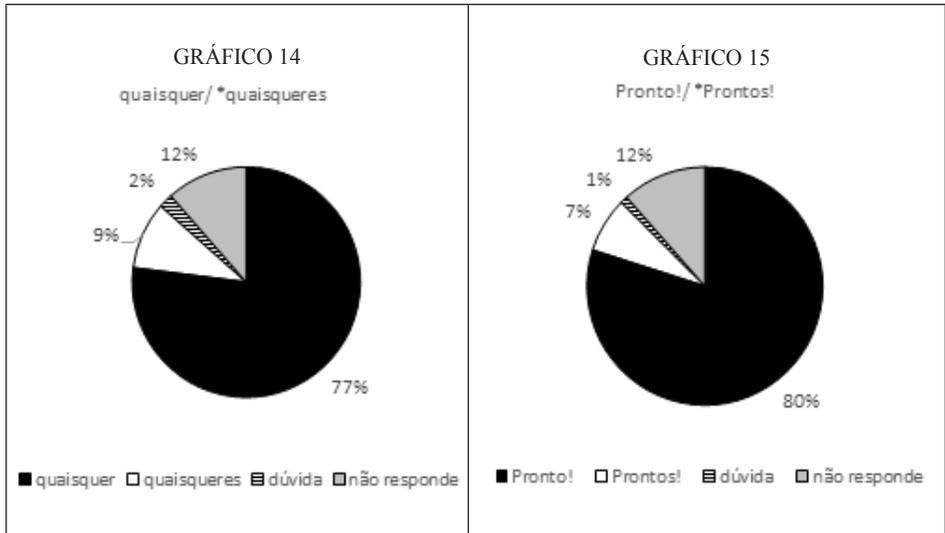


Como se depreende deste inquérito, são, por vezes, questões gramaticais simples como a do género ou a do número que levantam problemas aos usuários da língua. As razões para este facto serão diversas e não se procuram aqui, embora o ensino da língua materna possa ser uma condicionante. Haverá, evidentemente outras, por não parecerem ser estes fenómenos de simples causa-efeito. Por exemplo, para o número, o caso dos 77% de “21 anos” contra os 10% de “21 ano” (cf. Gráfico 13) evidencia que a escola ensina a concordância, mas o uso, popular e oral, orienta-se por uma parte do algarismo, ou seja, 1

(singular), em vez da sua totalidade (plural: 20+1=21). Esta explicação realça que o fenómeno de concordância se opera pela proximidade de elementos e pode (des)orientar, havendo quem defenda que seja essencialmente do âmbito da Semântica e não tanto da Sintaxe. Porém, aqui, o uso é, incontestavelmente, um erro, já que linguística e gramaticalmente o singular de 21 (ou de outro algarismo semelhante 31, 41, etc.) é inadequado. Julga-se que o desconhecimento da gramática desencadeia usos como estes e os seguintes: gráficos 14 (“quaisquer”/“quaisquieres”) e 15 (“Pronto!”/“Prontos!”). Os plurais indevidos obtêm resultados pouco expressivos: 9% no gráfico 14 e 7% no 15, mas revelam que, na combinação de “quais” e “quer”, se perde a classificação de verbo para “quer” e que há uma confusão entre a interjeição “Pronto!” e o qualificativo “prontos”. Pelos gráficos anteriores, crê-se que assinalar o plural nem sempre é evidente, sobretudo em casos de justaposição como em: “os verdes-rubros”/“os verde-rubros” (gráfico 16), “os sociais-democratas”/“os social-democratas” (gráfico 17) ou também “os pais-natais”/“os pais-natal” (gráfico 18). Este último combina dois substantivos, enquanto os anteriores associam adjectivos para, juntos, formarem substantivos. As opções não são coincidentes, mesmo se gramaticalmente, os dois elementos justapostos aceitam a marca de plural. As percentagens do singular de “verde” (61% no gráfico 16) e “natal” (46% no gráfico 18) vão ao encontro das do plural de “sociais” (60% no gráfico 17). Seria interessante compreender as causas que explicam tal variação, mas este parâmetro não foi alvo do inquérito. Resta fazer sobressair que a razão não será gramatical porque, se o fosse, o plural predominaria nos três casos em ambas as unidades dos compostos testados.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 trouxe alguma instabilidade a grafias semelhantes. O hífen tem sido suprimido, pensando-se que esta é uma recomendação deste Acordo. Contudo, a consulta do Decreto-Lei contempla os prefixos ou falsos prefixos. Por confusão, escrevem “sócio-económico” sem hífen, esquecendo que “sócio” é a forma reduzida do adjectivo “social”. Esta tendência manifesta-se também em unidades como “os alvi-negros”.

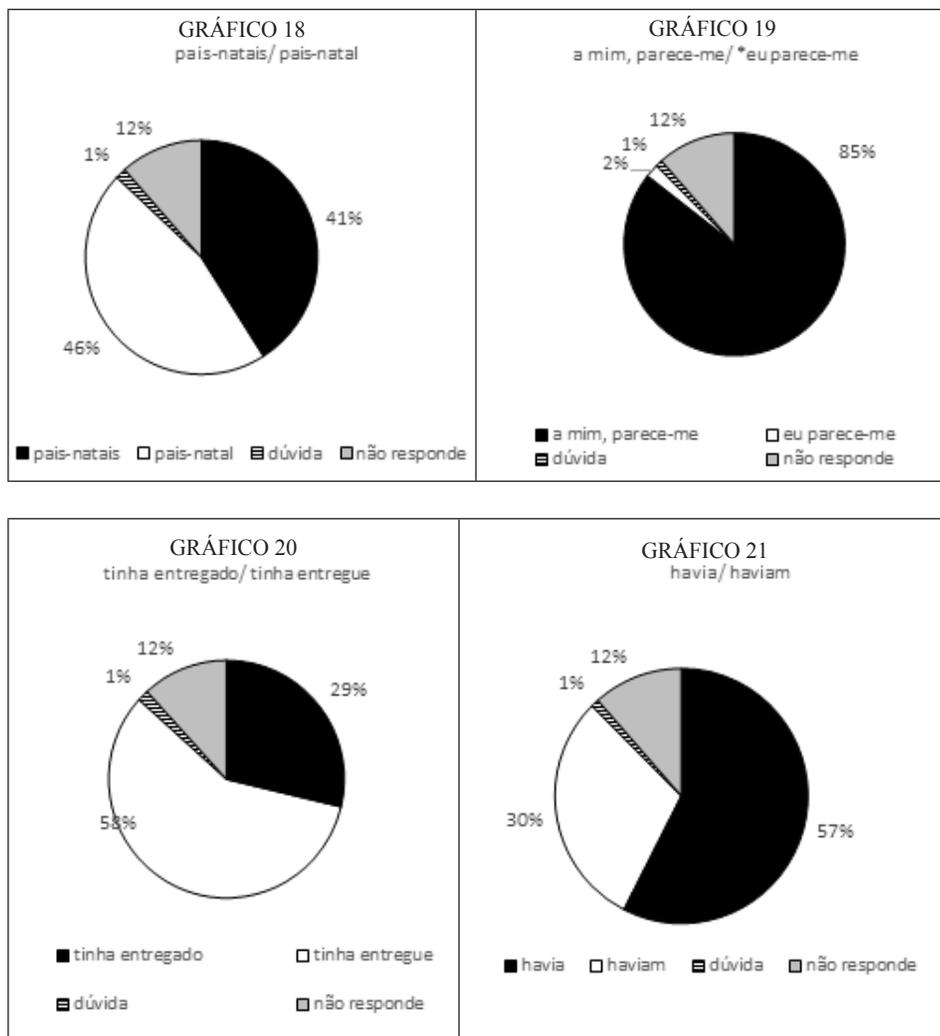


A experiência docente revela que conjugar verbos será um dos tópicos gramaticais menos apreciados pela população estudantil. Decorar (para esquecer) parece ser o método mais aplicado. Isso terá reflexos no discurso dos adultos e as formas verbais vão ganhando usos (“novos”?) que se vão propagando. Para exemplo, tome-se a construção “a mim, parece-me” que se ouve, regularmente, nos meios de comunicação social com a construção verbal “eu parece-me”. A presença do pronome pessoal de 1.<sup>a</sup> pessoa do singular “eu” é combinada com o pronome “me”, cujo equivalente, a nível de complemento, seria “a mim”. A

conjugação para essa pessoa gramatical seria “eu pareço”. Invalida, por isso, a 1.<sup>a</sup> pessoa do singular porque o sujeito gramatical em “parece-me” é uma terceira pessoa, marcada na forma verbal (isso parece-me). Esta combinação de sujeito com pronome, embora distinta, faz lembrar a que se assinalou *supra* em “A gente come-se.” e verifica-se que os usos originam combinações consideradas impossibilidades gramaticais<sup>12</sup>. Pensava-se obter um resultado maior do que os 2% deste inquérito para a formulação com “eu”. A fraca percentagem surpreendeu, por se acreditar ter, o fenómeno, maior propagação. O particípio passado (ou apenas “particípio”), quando os verbos são “abundantes” (CUNHA e CINTRA, 1995) também é uma dificuldade constante, registando-se hesitações entre o particípio regular e o irregular. Para muitos verbos, há mesmo um ou outro deles que tende a predominar. É o que sucede com “aceitar” ou “ganhar”, em que o irregular adquire mais força. O gráfico 20 dá conta dos resultados obtidos para “entregar” (“tinha entregado”/ “tinha entregue”) e os 58% obtidos pelo particípio irregular revelam a predominância desta tendência linguística. Outra bastante significativa vem ilustrada no gráfico 21 com os dados para “havia alunos” (57%)/ “havam alunos” (30%). As percentagens são uns indicadores da flutuação existente, embora predomine, neste inquérito, a construção impessoal normativa. Todavia, os 30% dos inquiridos que optam pelo uso do plural na forma verbal representam uma tendência, evidenciando que ela se virá, porventura, a impor a médio prazo. Aliás, regista-se constantemente em jornalistas e outros agentes teoricamente difusores do padrão linguístico, inclusive docentes.

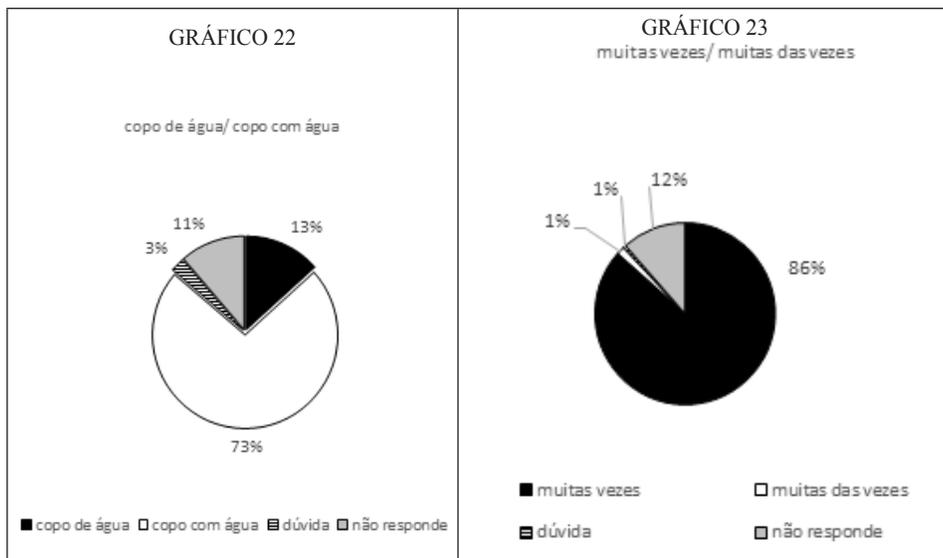
---

<sup>12</sup> A noção de “agramaticalidade” fica posta em causa.



Se os verbos merecem uma atenção particular, outro assunto a requerer alguma reflexão é o uso das preposições. Testam-se aqui dois casos envolvendo a preposição “de”, o de “copo de água”/ “copo com água” (cf. Gráfico 22) e o de “muitas vezes”/ “muitas das vezes”. Os resultados diferem. Os 73% de “copo com água” revelam uma tendência para a mudança de uma expressão perfeitamente viável, mas sentida como inaceitável. Assim “copo de água” parece ser interpretado como indicando material (como em “copo de plástico” ou “copo de cristal”) e não para apontar o conteúdo (como em “copo de vinho”

ou “garrafa de água”). Os falantes, por diversas razões, corrigem o que está, normativamente, validado, certo. Apresentando uma formulação com sentido diferente. Um “copo de água” indica que vem cheio de água e um “copo com água” indicia que há alguma água no copo, o que não é o mesmo. Neste inquérito, observa-se, contudo, a mudança em curso e a “novidade” da substituição de “copo de água” por “copo com água”, sem que a alteração de preposição mude o sentido, o que, gramaticalmente, deveria ocorrer. Este fenómeno de substituição também se verifica em “muitas vezes” (com o sentido de “frequentemente”) que vem sendo alterado por “muitas das vezes” (parte de uma construção viável: “Muitas das vezes que vou ao cinema sozinha, compro o bilhete com antecedência.”). O resultado de 1% obtido neste inquérito para esta formulação não coincide com a ideia que se tinha por se observar, constantemente, o fenómeno.



### 3. Síntese dos dados

Os resultados quantificados nos gráficos remetem apenas para a amostra inquirida, mas são indicadores da vivacidade da língua e das flutuações por que está passando. Os usos linguísticos são preferências de falantes que as desencadeiam por diversas razões que não se discutem aqui. Impõe-se, contudo, uma leitura geral dos dados para a vintena de itens testados. Em nenhum se obteve 100% ou 0%, comprovando a real flutuação nos usos. Pode ser indício

da vitalidade da língua e da sua constante aprendizagem, visto que a língua materna é permanentemente adquirida, não havendo nenhum falante que a domine integralmente. Isso evidencia-se numa população estudantil como a do presente inquérito. É certo também que houve quem não respondesse a algumas perguntas. Não se sabendo as razões para que tal sucedesse, não se podem tirar ilações relativamente a este facto.

Em síntese, dos resultados, conclui-se que há diversas tendências. Sobressaem, pelo menos três. A primeira contempla os **usos esperados predominantes** com valores acima dos 50% como em: “muito grande” (87%), “muitas vezes” (86%), “a mim, parece-me” (85%), “a presidente” (83%), “história” (82%), “quotidiano” (82%), “a perda” (81%), “Pronto!” (80%), “quaisquer” (77%), “21 anos” (77%), “com certeza” (75%), “bastante” (comida) (65%), “ela: obrigada” (64%), “os sociais-democratas” (60%) e “havia” (57%). Em contraponto com a primeira, a segunda aponta para **usos inesperados predominantes** como em: “copo com água” (73%), “o dengue” (64%), “os verde-rubros” (61%), “tinha entregue” (58%) e “pais-natal” (46%, valor próximo dos 50%). A terceira tendência, embora não predomine no inquérito, sublinha os **usos a ganhar relevância**, como em: “havia alunos” (30%), “os social-democratas” (24%), “ela: obrigado” (22%), “bastanta (comida)” (20%), “concerteza” (13%), “21 ano” (10%), “quaisquieres” (9%) e “Prontos!” (7%). No geral, conclui-se, com os primeiros, que a escola tem um papel eficaz na uniformização, normalizando usos, mas os segundos podem indicar que há “novos lexemas”, isto é, “reformulações dos existentes”. Assim, este breve inquérito realça que uma mudança se vai consubstanciando, mas que não é reconhecida, nomeadamente por dicionaristas. Revela flutuação e preferências nos jovens usuários de uma língua com mais de 800 anos. Evidencia os gostos dos falantes, moldadores da língua. Indica a escola como força normalizadora, mas não impede a predominância de usos tidos como erros por uns e desvios por outros. O que devem fazer a Gramática e a Linguística? É indispensável estudar, quantificar e analisar os usos para reconhecer os que predominarem e identificar as alterações do Património Linguístico. O futuro da Língua Portuguesa está a ser delineado no presente, sobretudo na escola, em que é ensinado o seu funcionamento. Os resultados obtidos neste inquérito sublinham que a Gramática e a Linguística são indissociáveis. A vontade de Saussure em observar e analisar as manifestações linguísticas não pode ignorar os estudos gramaticais, intrinsecamente relacionados com ela.

## Referências bibliográficas

- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 1995.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, Verbo, 2001.
- Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto, Porto Editora, 2001.
- Documentário “Idiomas do Mundo”, com a participação de CRYSTAL, David. disponível no YouTube em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ypx3a56YfdM>, última consulta a 18-04-2016.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de H. *Dicionário da Língua Portuguesa*, Brasil, Editora Nova Fronteira, 1987.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda, Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- MACHADO, José Pedro. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1991.
- REBELO, Helena. “O Processo de Bolonha, a Educação Liberal e a Criação da FCCSE «Desvio ou Erro»” in *Universidade da Madeira: 25 anos*, Veríssimo, N. e Santos, T. P. (eds.), Funchal, Universidade da Madeira, 2015, p. 305-330.
- REBELO, Helena. *Desvio ou Erro? Problemas na Escrita da Língua Portuguesa*. Funchal, O Liberal, 2014.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique générale*, Paris, Payot, 1985.
- UNESCO, *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, Paris: ONU, 17-10-2003.

## Apêndice: Grelha condensada do inquérito

Como dizes e escreves? **Risca a frase que não usas.**

1	Vou, concerteza, ter tudo certo.	Vou, com certeza, ter tudo certo.
2	A perda de um amigo é triste.	A perca de um amigo é triste.
3	Ele tinha entregado a encomenda.	Ele tinha entregue a encomenda.
4	Havia muitos alunos.	Haviam muitos alunos.
5	Eu parece-me que está certo.	A mim, parece-me que está certo.
6	É a presidente.	É a presidenta.

7	Ela tem vinte e um ano.	Ela tem vinte e um anos.
8	É muito grande!	É muita grande!
9	São uns quaisquer.	São uns quaisquer.
10	Vamos passear muitas das vezes.	Vamos passear muitas vezes.
11	Obrigada! – disse-lhes ela.	Obrigado! – disse-lhes ela.
12	Queria um copo de água, por favor!	Queria um copo com água, por favor!
13	A dengue é pior que a gripe.	O dengue é pior que a gripe.
14	É uma estória totalmente inventada.	É uma história totalmente inventada.
15	Pronto! Enganei-me.	Prontos! Enganei-me.
16	Os verdes-rubros perderam.	Os verde-rubros perderam.
17	Os sociais-democratas ganharam.	Os social-democratas ganharam.
18	É bastante comida!	É bastante comida!
19	Gostam da rotina quotidiana.	Gostam da rotina cotidiana.
20	Comprei pais-natais de chocolate.	Comprei pais-natal de chocolate.

Recebido em 27 de agosto de 2017.

Aceito em 7 de maio de 2018.